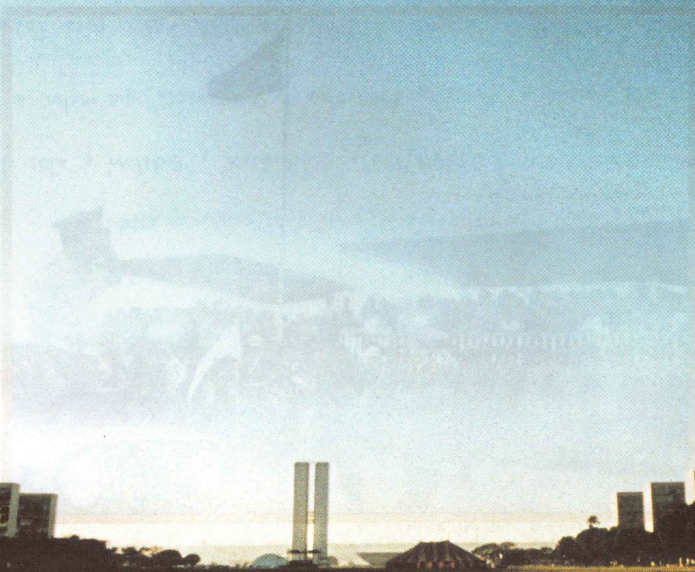


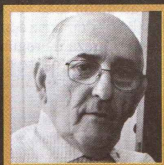
PIONEIROS

Histórias de quem fez Brasília

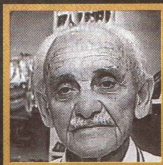


As lembranças da construção e dos primeiros anos na nova capital são recheadas de poeira, solidariedade e empreendedorismo. Em 20 fascículos, a série *Pioneiros — histórias de quem fez Brasília* pretende reconstruir a vida na cidade, por meio da memória de cem pioneiros. Neste fascículo, um militar, um comerciante, dois médicos e um professor emocionam com suas recordações.

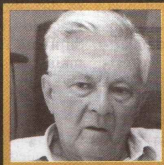
**Geraldo
Silva**



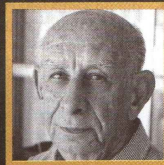
**Ney
Carneiro**



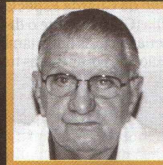
**Roberto
Lima**



**Rômulo
Marocolo**



**Tito
Figueirôa**



PIONEIROS



Geraldo Silva

Raízes profundas na cidade que viu nascer

RAQUEL FLORES GARCIA
ESPECIAL PARA O CORREIO

Ele participou do primeiro desfile de Sete de Setembro, no Eixão Sul, durante o governo João Goulart, em 1962. Mas não como um mero espectador. O hoje coronel reformado da Polícia Militar do Distrito Federal, Geraldo Silva, de 76 anos, na época era primeiro-tenente R2 de Infantaria do Exército e comandou o destacamento policial na primeira parada em comemoração à Independência do Brasil. Essa não foi, porém, a primeira importante missão de Geraldo na cidade. Em 21 de abril de 1960, participou do policiamento da inauguração de Brasília.

Naquele dia, eram sete horas da manhã quando Geraldo se colocou a postos para comandar o pelotão da Guarda Especial de Brasília (GEB) durante o desfile que teria início às nove, também no Eixão Sul. Foi ali que as tropas do Exército e dos Fuzileiros Navais — ambas vindas a pé, de Salvador e do Rio de Janeiro respectivamente — prestaram homenagem à mais nova capital do país. “Pouca gente sabe desse detalhe de que a tropa vinda de Salvador era uma homenagem da primeira capital do Brasil a Brasília,

Arquivo pessoal



lia, e a que veio do Rio de Janeiro, da segunda capital”, revela.

Além do comando, Geraldo conseguiu tempo para fotografar o momento histórico, com direito a uma feliz coincidência. Segundo ele, exatamente na hora em que passou pelo palanque das autoridades, o presidente Juscelino estava lendo o jornal baiano *A Tarde*. Um mês e meio depois, Geraldo voltou à terra natal, a Bahia, e teve esta foto publicada.

Na véspera do desfile de inauguração, na noite de 20 para 21 de abril, Geraldo lembra que testemunhou outro fato da história,

também captado pela lente de uma máquina fotográfica (só que desta vez não pertencente a ele): o choro de JK durante a missa oficiada pelo cardeal Cerejeira, de Lisboa, legado papal, na Praça dos Três Poderes, junto ao Supremo Tribunal Federal. “À meia-noite, o Papa João XXIII abençoou Brasília direto de Roma, com a voz dele”, recorda um dos fundadores do Conselho de Cristandade, movimento católico de que até hoje participa.

É na linha religiosa, por sinal — no exemplo do patriarca Abraão, que deixou a terra natal para ir aonde Deus o havia de-

signado, cita Geraldo —, que o fervoroso militar embasa parte da explicação de sua vinda para a nova capital. Afinal, ele trocou a administração de cinco fazendas de cacau do tio João Silva, em Ilhéus (BA) — “em uma época de plena riqueza na região cacauífera” — e um carro do ano (De Soto) para trabalhar aqui. “Quem está com Deus não tem medo de assombração”, diz com firmeza.

De Brasília, garante, “sabia zero, só notícias da construção”. Mesmo assim, acatou a sugestão do amigo general Eduardo de Carvalho Chaves para participar

NA PRIMEIRA PARADA DE SETE DE SETEMBRO DE BRASÍLIA, GERALDO COMANDOU O DESTACAMENTO POLICIAL

da formação da Polícia Militar Federal (GEB). Isto significava a perspectiva de uma carreira, segundo avalia. Por isso, no final de 1959, o Geraldo cacauicultor entregou as fazendas a um gerente devidamente preparado e, em 17 de abril de 1960, às dez horas, aterrissou no aeroporto da capital para se apresentar ao comandante da Guarda Especial de Brasília (GEB), general Osmar Soares Dutra. Ele veio de Belo Horizonte, a bordo de um Constellation da Panair.

Para falar sobre a importância de haver pertencido àquela instituição, mostra com orgulho o discurso feito 21 anos após a inauguração de Brasília, publicado no livro *História da Polícia Civil de Brasília*, em 1998. “Seria a GEB uma sigla apenas? Acredito que não. Quem lhe deu vida foram os seus integrantes, vindos por um chamamento telúrico, por uma convocação que vinha de longe... Algo como um toque de reunir, no Planalto Central, para muitos que tinham ainda sua vocação em aberto, capazes de assumirem e realizarem, com pioneirismo, uma obra ciclópica, como foi a construção de Brasília”, escreve Geraldo por ocasião do 1º Reencontro dos Gebianos, quando ainda era capitão.

PIONEIROS

O militar trocou a vida de fazendeiro, na Bahia, para fazer carreira na Polícia Militar do Distrito Federal. Aqui foi responsável por organizar a 1ª Guarda de Trânsito da cidade

Transferência

Outra missão encabeçada por Geraldo Silva, nos primeiros anos de Brasília, foi a transferência da Cidade Livre para diversos destinos, conforme o critério da época. Uma operação, recorda o então comandante do destacamento, que acabou não sendo concluída devido à renúncia de Jânio Quadros em agosto de 1961. Somente para a Asa Norte, ainda desabitada, eram mais de cinco mil barracos a serem transferidos, contabiliza Geraldo. Todos nomeados e com cujos donos ele conversou para convencê-los a mudar, procurando assim evitar o uso de força bruta. “Ninguém queria ir para lá porque não tinha freguesia”, lembra. “E o que era para ser um grande centro de esportes, da metade da cidade de madeira que ficou, restou o hoje Núcleo Bandeirante”, conclui.

A vasta experiência de Geraldo com policiamento acabou por colocá-lo à frente de um novo desafio profissional: organizar a 1ª Guarda de Trânsito da cidade, em 1960, montada com 50 homens licenciados do Exército em Recife para essa finalidade. Seis anos depois, com o desmembramento da Guarda Especial, fez opção pela Polícia Militar para não ter que deixar Brasília. Cidade que, nos idos de 90, cogitou sair para voltar à terra natal. “Mas minha mulher, Regina, uma baiana que fui buscar em 1962, não quis. A nossa raiz já estavam grande que não saía assim fácil”, compara o enraizado avô de dois netos brasilienses, pai de duas filhas, também nascidas e criadas na cidade. Geraldo é um dos fundadores da Hípica e do Lions Clube



“**BRASÍLIA ERA UMA GRANDE FAMÍLIA, QUE ACOLHEU TODOS OS FILHOS DO BRASIL E CONTINUA ACOLHENDO, INCLUSIVE OS MALCRIADOS**”

de Brasília, hoje Lions Clube Centro. Esses são apenas alguns dos muitos laços que o prendem à capital que viu nascer. Além disso, em 1964, Geraldo foi diretor geral do Detran-DF e membro do Conselho Nacional

de Trânsito (Contran). Em 1986, no governo de José Aparecido, como fundador e ex-prefeito de quadra (206 Sul), aprofundou ainda mais as raízes na cidade, exercendo a função de chefe da Assessoria de Apoio às Associações de Moradores do Plano Piloto (Ampla), trabalho que estimulou a criação de 30 prefeituras de quadras.

“Quem veio namorar Brasília casou. Havia amor à cidade”, diz, saudosos. “Naquele tempo, todo mundo se ajudava, tudo aqui funcionava a tempo e a hora. Brasília foi criada com um entusiasmo muito grande”, completa. “Era uma grande família, que acolheu todos os filhos do Brasil e continua acolhendo, inclusive os malcriados”, alfineta em tom de brincadeira. “Todo mundo se ajudava, indivíduos e repartições. Havia muita solidariedade”, diz Geraldo, responsável, por exemplo, pela regularização de uma carteira de motorista que tinha sido emitida no Japão. Ou pelo licenciamento de um carro do Ministério da Agricultura que

teria que passar por um demorado trâmite não fosse o espírito solidário reinante da época.

De todas as lembranças, porém, nenhuma parece ser mais forte que a do dia da inauguração. “Foi uma coisa épica, algo grandioso, extraordinário, jamais verei uma festa igual”, exulta. Na noite do dia 23 de abril de 1960, em meio a uma multidão “com mais gente de fora do que com a população daqui”, Geraldo pôde assistir a uma encenação teatral ao ar livre. Próximo à rampa do Congresso Nacional, houve a apresentação de “um show monumental” de encerramento das festividades de inauguração. Denominado *Alegoria das Três Capitais* foi montado pelo diretor teatral Chianca de Garcia. O espetáculo, segundo lembra, foi seguido de uma cachoeira de fogos de artifício que despencou majestosa do alto do 28º andar do anexo do Congresso. “O Moulin Rouge, em Paris, fica pequenininho perto daquilo”, complementa, para dar uma idéia da magnitude do evento.

GERALDO SILVA PENSOU EM DEIXAR BRASÍLIA, MAS REGINA NÃO QUIS ABANDONAR AS RAÍZES

Raio X

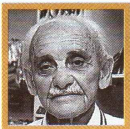
Nome: Geraldo Silva
Idade: 76 anos
Ano que chegou a Brasília: 1960
Profissão: Administrador e coronel reformado da PMDF
Mulher: Regina
Filhas: Haydée e Fernanda Maria
Netos: Lucas e Luiza
Títulos: Foi um dos primeiros integrantes da Guarda Especial de Brasília (GEB) e organizou a primeira Guarda de Trânsito da cidade

Expediente

Coordenação do Projeto João Lobo Edição Rozane Oliveira Reportagem Bianca Chiviccatti, Raquel Flores Garcia e Stela Maris Zica Fotos Daniel Farias, Arquivo Público do Distrito Federal, Arquivo pessoal dos pioneiros e do Correio Braziliense Revisão João Neto Diagramação Glauco Gonçalves Projeto Gráfico Ary Moraes

Agradecimentos ao Clube dos Pioneiros pela ajuda na identificação e escolha dos entrevistados

GDF
 GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL



Ney Carneiro

Luta para defender e consolidar o comércio

Arquivo Stelá

STELÁ MÁRIS ZICA

ESPECIAL PARA O CORREIO

Foi paixão à primeira vista, quando, da plataforma superior da Rodoviária do Plano Piloto, o baiano Ney Carneiro se deparou com a visão grandiosa do imenso horizonte que se estendia diante de seus olhos. Encantado com a amplitude da Esplanada e toda aquela paisagem, afirmou resolutamente: "É aqui que eu quero ficar". Seus amigos já diziam, "a cidade é uma beleza, não tem semáforos, nem contramão".

A visita do então proprietário da agência de viagens Real Aerovias, de Ilhéus, um ano antes da inauguração da nova capital, serviu para confirmar a idéia que tinha de Brasília. Decidido, voltou para a Bahia, vendeu a agência e se mudou definitivamente para o Planalto.

Ex-gerente de aeroportos, Ney Carneiro, nos fins da década de 40, cruzava o céu do país de Norte a Sul, "nas asas da Panair", glamourosa companhia aérea da qual era funcionário. A profissão o obrigou a permanecer durante um bom tempo nas cidades do Rio de Janeiro, Uruguaiana, São Paulo e em Goiânia. Em uma de suas viagens, chegou a acompanhar a comitiva de senadores e deputados que se reuniram para acertar os detalhes da mudança da capital. Mal sabia Ney que Brasília estaria em seu destino.

Em julho de 60, deixou Ilhéus com a mulher Amélia Valquíria e o filho Marco Antônio para "embarcar numa aventura". Acabava

de "vender dez anos de estabilidade" em grandes empresas — a Panair e a Aerovias do Brasil —, onde alcançou grandes méritos, para viver em uma cidade que ainda estava sobre os andaimos, mas que para ele já tinha lá os seus encantos e peculiaridades, como descreve em seus versos. (em destaque)

Personalidade

Alegre, extrovertido e de boa fluência, assim é o candango Ney Carneiro, que aprendeu com a própria vida o verdadeiro significado da palavra pioneiro como sendo todo aquele que "teve a co-

ragem de deixar a terra onde nasceu para embarcar numa aventura", explica o desbravador.

E coragem e disposição para começar são características deste avô que, aos 84 anos, pai de quatro filhos, conta sem nenhum arrependimento e com muito orgulho quando comprou a sua Opel, uma peruca alemã, para transportar passageiros na capital.

Como a cidade não tinha transporte suficiente, decidiu ir a Santos comprar uma espaçosa peruca, que utilizou no transporte de passageiros de Taguatinga ao Núcleo Bandeirante. "Um dia, chegando em casa, havia uma

correspondência me intimando a comparecer ao órgão de trânsito do Núcleo Bandeirante", recorda. Sem saber do que se tratava, foi até lá e ficou aliviado quando viu a figura do amigo de Ilhéus, Geraldo Silva, então diretor do Departamento de Trânsito, que desconsiderou a carta, rasgou-a e jogou-a no lixo, por consideração ao amigo.

Mas a alegria do empreendedor durou pouco. O motorista da Van, ao buscar a namorada que estava no Plano, bateu com o veículo nas proximidades do aeroporto. Era o fim de uma aventura e o início de outra grande empreitada.



NEY, EM SUA POSSE COMO PRESIDENTE DO SINDICATO DO COMÉRCIO VAREJISTA DE BRÁSILIA

PIONEIROS

Dono de uma agência de viagens em Ilhéus, Ney Carneiro começou a vida na capital fazendo transporte coletivo, para só então encontrar sua verdadeira vocação, o comércio

COM A AJUDA DA FAMÍLIA, NEY, ATÉ HOJE, COMANDA A LOJA NA 107 SUL

Comércio na 107 Sul

Sem sorte no transporte de passageiros, o hoje cidadão honorário de Brasília decidiu mudar de ramo. Encontrou no comércio de meias e roupas íntimas a sua grande oportunidade, após a abertura do bar Oásis, na 107 Sul. Vizinho a uma loja de roupas, a Femina Modas, "frequentada pelas damas da sociedade brasiliense", a empreitada não deu certo.

Como a loja ficava ao lado do bar, uma das freguesas que passava em frente ao Oásis sugeriu que Ney abrisse uma loja de roupas íntimas. Foi quando ele arrendou o bar e montou a Casa das Meias, que funcionava no térreo e no andar de cima, do antigo salão de beleza Gardênia. "Abri o negócio de meias a pedido das freguesas", lembra o comerciante que chegou a atender Rosane Collor e várias outras primeiras-damas, "só não sei se a D. Ruth Cardoso comprava aqui". Suas meias faziam sucesso em todas as rodas elegantes da cidade.

Da 107 Sul, onde até hoje passa a maior parte de seu tempo zelando pelo bom atendimento dos clientes, ele guarda belas recordações. A visita da Rainha Elizabeth, da Inglaterra à Escola Parque, em 1968, está gravada na memória do conselheiro da Academia de Letras de Brasília. Ney ficou comovido com a beleza e a pele rosada da rainha que passava pelas imediações de seu estabelecimento.

De sua loja, o atual diretor-suplente da Federação do Comércio do Distrito Federal também teve o privilégio de acompanhar a primeira edição da Festa dos Estados. O evento acontecia atrás da Loja das Meias, de onde podia observar com atenção os



“
BRÁSILIA É A ANTEVISÃO DE UM SANTO
QUE O PRESIDENTE JUSCELINO KUBITSCHEK CONCRETIZOU.
A CIDADE É UM ENCANTO, UMA PRIMAVERA EM FLOR.
O SEU TRAÇADO É DE UMA CRUZ
QUE SALVA, QUE ORIENTA E QUE CONDUZ.
É TAMBÉM A CAPITAL DE TODOS OS BRASILEIROS,
ORGULHO DOS BRAVOS PIONEIROS”

trajes dos participantes. Lembra divertido que "Ary Cunha usava um chapéu de couro" característico do Nordeste brasileiro. "Alguns também usavam bombachas e umas botas compridas", recorda.

O sucesso no ramo comercial fez de Ney Carneiro tesoureiro e posteriormente presidente da en-

tidade que ele próprio ajudou a fundar — o Sindicato do Comércio Varejista de Brasília. Na instituição, ele atuou durante vários anos em favor do entendimento entre patrões e empregados.

Como presidente do sindicato, sempre lutou pela consolidação do varejo na nova capital e pela intensificação do comércio

entre Brasil e Estados Unidos, por meio da fixação da ponte aérea Brasília-Miami-Brasília. Sua idéia era promover uma aproximação comercial e cultural entre Brasília e aquele país. Idéia que levaria o empresário de Miami a investir no turismo brasileiro e que ele chegou a apresentar durante um Congresso nos EUA, em 1987.

Ney, que recebeu o título de comerciante do ano de 1992, também atuou como juiz classista do Tribunal Regional do Trabalho, como conselheiro do Sesc, do INSS e participou ativamente das Diretas Já. Quando o assunto era trazer melhorias para a capital, lá estava ele redigindo telegramas e cartas para os chefes de Estado. "Naquela época os contatos eram feitos diretamente", diz, referindo-se ao documento que elaborou e entregou a Tancredo Neves, "pedindo coisas para Brasília, que acabava de sair de um longo recesso democrático".

Raio X

Nome: Ney Carneiro
Idade: 84 anos
Origem: Barreiras, Bahia
Ano de chegada a Brasília: 1960
Profissão: Comerciante e juiz classista
Mulher: Amélia Valquíria de Almeida Carneiro
Filhos: Marco Antônio, Ney, Maria de Fátima e Cristiano de Almeida
Netos: Ana Clara, Júlia, Matheus e Maria Amélia

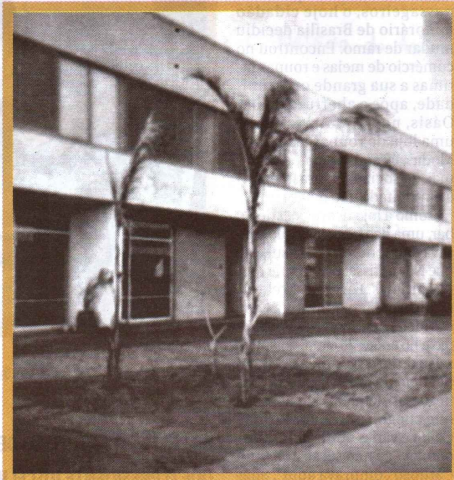
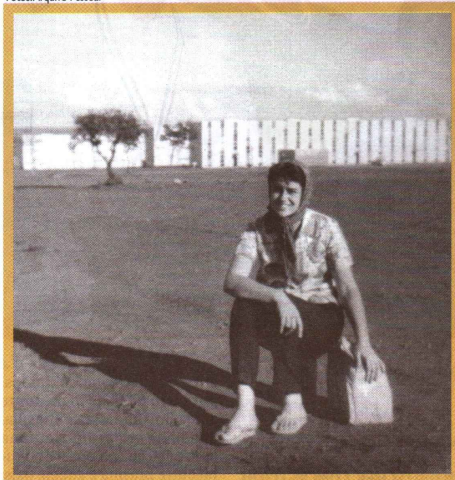


Roberto de Araújo Lima

O professor chegou a levar educadores conhecidos

Dedicação e responsabilidade para ensinar os candangos

Fotos: Arquivo Pessoal



STELA MÁRIS ZICA

ESPECIAL PARA O CORREIO

Conversar sobre Educação é sempre um motivo de satisfação e orgulho para esse professor de 77 anos para quem, pela idade, experiência e trabalho desenvolvido na nova capital, o título de mestre seria, merecidamente, o mais apropriado. Roberto de Araújo Lima, um dos pioneiros de Brasília, trouxe em sua bagagem, no ano de 1960, o desejo de construir um Brasil melhor, por meio de um ensino de qualidade na nova capital. Para ele, é com educação e trabalho que se constrói uma nação.

O convite do colega e professor da Faculdade Fluminense de Filosofia Paulo de Almeida Campos, para trabalhar em um sistema educacional inovador na nova capital, fez com que o então funcionário do Ministério da Educação e Cultura trocasse a Cidade Maravilhosa pela incerteza do Planalto Central. Mesmo sem a necessidade de um concurso, por ser funcionário do ministério, ele e a mulher decidiram se inscrever. "Até aquela época só tinha ouvido falar da cidade e de uma possível mudança da capital pelos jornais", comenta. Roberto só acreditou que Brasília existia quando avistou um canteiro de obras da janela do Douglas DC3, que o trazia com a mulher Daisy para a nova capital. "Foi um im-

pacto muito grande. Naquele momento, acreditei que Brasília era uma realidade", conta emocionado.

Para o novo candango, Brasília foi a realização de um sonho. "Juscelino era um louco, no bom sentido da palavra. Eram poucas as pessoas que pensavam como ele e que se preocupavam com o futuro do Brasil", diz enfático.

Após a nomeação dos aprovados no concurso, chegaram em Brasília, naquele mesmo ano, além de Roberto uma equipe de 59 professores conhecida como os 60 de Brasília de 60. "Tenho orgulho de ter pertencido ao grupo. Éramos uma equipe que lutava pelo ideal maravilhoso de promover, pela educação, a construção

de um novo país", conta. Ele lembra que passava a maior parte do tempo com os colegas professores, vindos de todas as partes do Brasil para ensinar na nova capital. "Era a melhor equipe do país. Estávamos unidos pelos mesmos ideais, os mesmos sonhos. Éramos uma família", acrescenta. Para ele, fazer parte dos 60 foi uma das melhores coisas que aconteceram em sua vida. "Era como jogar num time de futebol, com Pelé, Zico e outros", compara.

A preocupação com a educação e a aprendizagem dos jovens era tamanha que ele chegou a ministrar um curso de *Madureza*, de graça, no Caseb, a então Comissão de Administração do Sistema Educacional de Brasília, que na-

quela época recebia filhos de deputados, senadores e construtores. O curso, equivalente hoje ao supletivo, era direcionado aos recém-chegados que pretendiam voltar a estudar depois de algum tempo longe da escola. "Nossa preocupação era de acolher a todos que chegavam e não deixar ninguém sem estudo", afirma o pioneiro. Como funcionário do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (Inep), do Ministério da Educação e Cultura (MEC), Roberto chegou a percorrer as mais distantes regiões do país, inclusive as fronteiras, para fiscalizar a construção de escolas e treinar os professores. Segundo ele, naquela época, o MEC chegou a construir dez mil escolas em dez anos.

DAYS EM FRENTE AO APARTAMENTO JK E AS CASAS DA ANTIGA 707 SUL

Novos desafios

Como o sistema de transporte na época era incipiente, a direção do Caseb, que ficava na 910 Sul, disponibilizou um ônibus para levar professores e alunos à escola, imediatamente apelidado de elefante branco. Mais tarde, este seria o nome do centro educacional localizado na 908 Sul. "Passávamos praticamente o dia inteiro dentro do ônibus, que nos levava de manhã para o colégio, depois para o almoço em casa e mais tar-

Brasília, vindo do Rio de Janeiro, para trabalhar no Caseb. Fez parte de um grupo de os como os 60 de Brasília de 60, que sonhava em transformar o país pela educação

ROBERTO E DAISY ACREDITARAM NA VIDA NA NOVA CAPITAL E PARA CÁ VIERAM COM METADE DA FAMÍLIA PARA REALIZAR O SONHO DE CONTRIBUIR PARA UMA MELHOR EDUCAÇÃO PARA O PAÍS



de de volta para o Caseb. No fim do dia, fazia o mesmo trajeto de retorno para casa”, lembra o professor. Nos finais de semana, Roberto ia com a mulher ao Cine Brasília a pé para descansar do ônibus e distrair um pouco.

Mesmo com as dificuldades para encontrar moradia, enfrentadas pelos professores e suas famílias, eles não desanimavam. “Tive que deixar dois filhos no Rio de Janeiro até encontrar uma casa maior para acomodar toda a minha família”, lembra do sacrifício. No início, Roberto veio apenas com a mulher e duas filhas e abrigou uma prima nos primeiros tempos. Eles moravam na 412 Sul nos *apartamentos JK*, que os moradores chamavam de *janela e kitchenette* de tão pequenos. “Minha prima dormia com minhas filhas na cama, a Daisy no sofá e eu no chão”, relembra o professor. Incomformados com a situação, um dia os moradores decidiram se reunir e formar uma comissão, para a qual Roberto foi eleito porta-voz. Eles foram pedir providências ao presidente Juscelino Kubitschek, que se mostrou empenhado, prometendo resolver o problema.

Cinco meses depois, o funcionário do MEC conseguiu um apartamento maior no setor de Habitação Popular, HP3. Af então pôde trazer os outros filhos e reunir a família. “Não me arrependo de nada, se pudesse fazer tudo de novo, eu faria. Brasília foi para mim uma oportunidade de realização profissional muito grande. Se tivesse em outra cidade teria sido apenas um professor universitário”, afirma o pioneiro que teve a honra de fazer o curso de Pesquisa Social ao lado do educador Darcy Ribeiro.

De volta à universidade

O reencontro com o colega do MEC Agenor Raposo, um ano depois de sua chegada a Brasília, o incentivou a voltar aos bancos da universidade, desta vez como aluno. Roberto, que havia se formado em Matemática no Rio, fez o vestibular da UNB para Arquitetura, “sendo o melhor qualificado”. Diante do bom resultado nas provas, o colega Darcy Ribeiro, então reitor da universidade, lhe ofereceu uma cadeira de professor de Matemática nos cursos de Arquitetura e Economia. “Era engraçado, por que eu chegava a dar aulas para alguns de meus colegas”, lembra. O gosto pelos estudos e a busca incessante pelo conhecimento o levaram a cursar Direito e Administração nas faculdades que eram inauguradas em Brasília.

O professor que ora ensinava, ora aprendia nos bancos escolares queria fazer algo mais pela Educação da nova capital. Enquanto muitos desbravadores

“TENHO ORGULHO DE TER PERTENCIDO AO GRUPO DOS 60. ÉRAMOS UMA EQUIPE QUE LUTAVA PELO IDEAL MARAVILHOSO DE PROMOVER, POR MEIO DA EDUCAÇÃO, A CONSTRUÇÃO DE UM NOVO PAÍS”

abriam estradas, Roberto se preocupava em construir salas de aula. Por isso, assim que chegou aqui ajudou a fundar o ginásio de Taguatinga — onde hoje funciona o Centro Educacional Ave Branca — e o Ginásio Noturno do Núcleo Bandeirante, o primeiro ginásio público do local. Nos dois, Roberto foi diretor. No colégio Moderno, onde hoje funciona o Centro de Ensino Médio Setor Oeste, na 912 Sul, o pioneiro também deixou sua contribuição durante os quatro anos em que trabalhou lá.

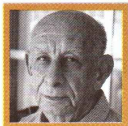
Durante décadas, Roberto ensinou aos candangos as primeiras letras do alfabeto e o rigor dos cálculos matemáticos que eles utilizaram como ferramentas de trabalho na árdua tarefa de erguer dia e noite a nova capital.

Hoje, aposentado, mesmo longe da escola, o avô procura orientar, da melhor forma possível, os netos e incentivá-los nos estudos, “para que eles sejam melhores que eu” e possam construir um país melhor.

Raio X

Nome: Roberto de Araújo Lima
Idade: 77 anos
Origem: Campos dos Goitacazes, Rio de Janeiro
Ano de chegada a Brasília: 1960
Profissão: Professor
Mulher: Daisy Collet de Araújo Lima
Filhos: Glória, Daisy Maria, Glésse Maria e Heitor
Netos: Jeane, Luciana, Thiago, Juan Fernando, Roberto, Rafael e Ana Maria
Bisneto: Vitor

PIONEIROS



Rômulo Marocco

Trabalho pesado era compensado pela natureza

Arquivo Pessoal

BIANCA CHIAVICATTI
ESPECIAL PARA O CORREIO

A aventura do médico urologista Rômulo Marocco na então futura capital do país tem início no embarque para o Planalto Central. Com um senso de humor invejável e a tranquilidade de um mineiro de Estrela do Sul, Marocco se diverte hoje, aos 79 anos de idade, ao se lembrar da viagem no avião DC3: "Foram dez horas de voo do Rio de Janeiro para cá, com várias escalas em Uberlândia, Belo Horizonte, Goiânia". O desembarque, que deveria ser o alívio da intensa jornada, apenas dava sinais das dificuldades que a nova realidade guardava.

No aeroporto de madeira, onde hoje é a base aérea, as chegadas e saídas eram constantes. Marocco foi conduzido de Jipe até a região onde ficariam as quadras 206, 207 e 208 Sul. Ao contrário de muitos pioneiros, que se direcionavam para a Cidade Livre (Núcleo Bandeirante), Marocco seria o primeiro médico do Plano Piloto, em dezembro de 1957.

Antes de encarar o desafio da construção do novo Distrito Federal, Marocco era médico efetivo da Prefeitura do Rio de Janeiro. O convite para chefiar a assistência médica da base do Instituto dos Servidores (Ipase) em Brasília partiu do procurador Irineu Joffily, que na época chefiava o escritório de obras do instituto aqui, e do professor



Glauco Lessa, diretor do Departamento de Pessoal do Hospital dos Servidores (HSE), onde Marocco atuava. O Ipase seria responsável pela construção das três quadras citadas e Marocco se responsabilizaria pelo atendimento aos trabalhadores da obra e suas famílias. "Sabia que a missão era difícil, mas a oferta de ganhar em dobro, a famosa *dobradinha*, me atraiu", revela.

Desafio

Acostumado a viver no interior do país, o imenso cerrado fechado que era o Plano Piloto na época não o assustava. A

imensa carga de trabalho e a precariedade das condições para exercer a medicina eram o que o desafiavam. O posto médico ficava atrás do escritório de obras do Ipase, na 208 Sul. O imenso barracão reinava solitário na vegetação que futuramente daria lugar às vias de trânsito da cidade. "Ali morávamos, fazíamos nossas refeições e trabalhávamos", conta. "A cama de lona na qual dormíamos era encostada na parede e o espaço virava escritório em poucos segundos", conclui.

O ritmo era alucinante. To-

dos que aqui estavam precisavam ter disposição para trabalhar 24 horas por dia, pois em dois anos a capital deveria ser inaugurada. A equipe de Marocco era formada por ele e apenas mais dois auxiliares de enfermagem. A especialização em urologia nestes tempos teve que ser substituída pelo atendimento generalista. "Fazia de tudo, atendia crianças com diarreia, gripes, doenças eruptivas, dava socorro a acidentes de trabalho, fazia partos, vacinação e até veterinária", afirma. "Além disso, inspecionava fossas sépticas e examinava to-

RÔMULO LEMBRA QUE, NA INAUGURAÇÃO, APENAS UMA PARTE DA ESPLANADA HAVIA SIDO CONCLUÍDA, COMO O CONGRESSO E OS MINISTÉRIOS

dos os trabalhadores admitidos pelo Ipase", conclui.

O cotidiano pesado era recompensado por presentes da natureza nativa de um cerrado que poucos tiveram a oportunidade de ver aqui. "Era comum

PIONEIROS

Apesar de ser médico especialista em urologia, nos primeiros anos na capital, Rômulo teve que tratar das mais diversas enfermidades, de criança com diarreia a doenças eruptivas

**RÔMULO ESPEROU
CONSEGUIR UMA
CASA ADEQUADA
PARA CASAR COM
ELZA E AQUI
CONSTRUIR SUA
FAMÍLIA**

vermos lobos-guarás, veados-campeiros, cansei de ouvir o canto noturno da siriema”, recorda-se. “Quando era noite de lua cheia ou aniversário de alguém, nos reuníamos em volta da fogueira e cantávamos ao som de uma viola”, completa.

O clima também era diferente. Chovia muito de outubro a fevereiro, depois começava a seca. O frio nas noites de Brasília era insuportável. “Quando o Lago foi construído, a mudança climática foi evidente”.

Sem sofisticação, o contato com o que acontecia no mundo era proporcionado pelas sessões de cinema organizadas pelo jornalista Manoel Mendes, que na época tomava conta do almoxarifado do escritório do Ipase. “O mesmo lugar onde fazíamos as refeições dava lugar a um grande telão onde ele projetava filmes e reportagens disponíveis na época”.

A convivência familiar que existia entre os trabalhadores que aqui estavam e o entusiasmo com que Juscelino Kubitschek falava da mudança da capital do Rio de Janeiro para o centro do país animavam a todos. Mas a dúvida persistia. “Faltava tudo aqui, vivíamos numa imensa fazenda. Era difícil acreditar que ministros, senadores e deputados aceitariam viver aqui”, explica Marocollo.

Mas a inauguração aconteceu, conforme o planejado, mesmo que às pressas, com muito a ser concluído. “Apenas parte da Esplanada estava pronta, como o Congresso e os Ministérios e oito superquadras incompletas”, conta. “De 60 a 70, a construção do restante da cidade não evoluía, o que só aconteceu quando a Embaixada Americana e o Itamaraty vieram para cá”, critica.



Fora do canteiro

Com a inauguração de Brasília, em 1960, a equipe do Hospital Distrital (hoje Hospital de Base) começou a ser formada. Marocollo ficaria com a parte de assistência urológica, administração e ensino médico nas instalações do hospital, inaugurado em setembro daquele ano.

Do canteiro de obras do Ipase, o urologista mudou-se para uma casa na W3 Sul, na altura da 716. Era uma casa geminada, muito pequena. Em poucos meses, no espírito de espontaneidade com que as coisas aconteciam aqui, trocou a casa pelo apartamento de um motorista, que na época dirigia o carro oficial de Tancredo Neves.

A nova residência ficava na 305 Sul. Com a estrutura adequada para receber uma mulher, Marocollo casou-se dois anos depois, com a enfermeira

“**FALTAVA TUDO AQUI, VIVÍAMOS NUMA IMENSA FAZENDA. ERA DIFÍCIL ACREDITAR QUE MINISTROS, SENADORES E DEPUTADOS ACEITARIAM VIVER AQUI**”

Elza Ribeiro, natural de Filadélfia, no Tocantins. “Para ela a adaptação também foi fácil, pois estava acostumada com a simplicidade do interior”, declara.

No Hospital Distrital, tudo vinha dos Estados Unidos, desde o equipamento até os livros. Todo atendimento da população era feito lá, embora as autoridades preferissem usar o sistema de saúde das cidades próximas, como Anápolis e Goiânia.

Dificuldades iniciais superadas, o prêmio por acreditar em Brasília e na medicina desenvolvida fora do eixo Rio-São Paulo viria em 1977. Marocollo alcançou notoriedade científica nacional com a realização do primeiro transplante de rim no Brasil Central, nas dependências do então Hospital Presidente Médici, hoje Hospital Universitário (HUB), onde atualmente trabalha como médico voluntário.

Raio X

Nome:
Rômulo Marocollo
Idade:
79 anos
Ano de chegada a Brasília:
1957
Origem:
Estrela do Sul, Minas Gerais
Profissão:
Médico especializado em Urologia
Esposa:
Elza Ribeiro Marocollo
Filhos:
Rômulo, Roberto, Maria Raquel e Mariana
Netos:
Julianna, Mariana, Sara e Fernanda

PIONEIROS



Tito Figuerôa

Da visita rápida à mudança definitiva para a nova capital

Arquivo pessoal



BIANCA CHIAVICATTI
ESPECIAL PARA O CORREIO

Falar do passado da capital, dos primeiros dias de Brasília, quando o projeto da construção saía aos poucos do papel, é lembrar fatos simples do cotidiano. Pequenas improvisações que davam vida ao lugar onde só havia trabalho. Registros de uma história não documentada, guardada apenas na lembrança de quem viu ruas e vias serem abertas e prédios inteiros serem levantados. "Fazíamos churrasco embaixo dos blocos, nas entrequadradas". O testemunho é do médico carioca Tito de Andrade Figuerôa, hoje com 71 anos de idade.

"Também me lembro dos restaurantes bons que a W3 tinha no início da década de 60", continua. "Chamavam-se Benis e Chez Ville", completa. Amante da gastronomia, Figuerôa lembra também de pratos bem brasileiros, como buchada e dobradinha, que costumava saborear nas visitas periódicas que fazia à Cidade Livre (Núcleo Bandeirante).

O comércio era ambulante, feito de bicicleta. "Comprávamos quase tudo o que havia disponível aqui", conta. As roupas eram compradas no Rio de Janeiro, durante as visitas à cidade natal. O sistema de transporte era a *carrocinha*. "Andávamos muito a pé, na escuridão que era o Plano Piloto, mas quando precisávamos che-

gar mais rápido a algum lugar, famosos de carona", recorda, nostálgico. Foi assim, com essa mesma surpresa que cada dia na Brasília recém-inaugurada representava para seus habitantes, que Figuerôa descobriu-se, de repente, morador da nova capital.

Chamado por um colega, que já trabalhava aqui, para fazer a relação do material necessário para equipar o laboratório do Hospital Distrital (Hospital de

Base), Figuerôa teve o primeiro contato com o Planalto Central em fevereiro de 1960. Era carnaval. Enquanto o país se divertia, em Brasília todos corriam com os preparativos para a tão esperada inauguração. "Fiz a lista e voltei para o Rio, sem acreditar que o pedido feito seria atendido", diz.

Um mês depois, entretanto, Figuerôa recebia o telefonema que mudaria o rumo de sua vida. Precisava voltar ao Distrito Federal

para conferir os itens da listagem que já estavam no hospital. "Não havia profissionais capacitados da área de Patologia Clínica aqui para identificar os equipamentos", explica.

O que era para ser uma visita rápida terminou sendo a mudança definitiva para a capital. "Fiquei muito satisfeito de ver que a cidade estava sendo bem aparelhada na área de saúde, mas ainda tinha dúvidas a res-

peito de sua concretização", admite. Mesmo sem superar a insegurança, o clínico patologista decidiu abandonar os oito empregos que tinha no Rio de Janeiro para integrar a primeira equipe do Hospital Distrital.

ELIANA E TITO FIGUERÔA(D) EM REUNIÃO NA CASA DE MARCOS E MARIA LUZIA FARANI

PIONEIROS

O patologista chegou a Brasília para listar os equipamentos necessários para o laboratório do Hospital Distrital em fevereiro de 1960. Um mês depois, veio conferir a encomenda e não saiu mais



TITO
(SENTADO)
COM O
COMPANHEIRO
HÉLIO
PACHECO

Mosquital

Figuerôa não se recorda em que época passou a confiar na viabilização do ideal de Juscelino Kubitschek. Diz apenas que com o tempo, à medida que se incorporava ao dia-a-dia da cidade, a insegurança ia passando.

O cotidiano de médico na nova capital não era fácil. No Distrital, na época apelidado pela população de *mosquital*, 50 profissionais tinham que dar conta de todos os atendimentos que ali chegavam. O hospital ia sendo concluído aos poucos. A primeira clínica integrava o serviço de Pronto Socorro. "Havia muitos acidentes de trânsito porque as vias ainda não estavam estruturadas", conta Figuerôa. O segundo departamento a ficar pronto foi a maternidade.

O ritmo de trabalho era alucinante. Não raro, as pessoas

eram atendidas nas casas dos médicos. No dia da inauguração, Figuerôa, que trabalhava no laboratório, precisou fazer as vezes de ortopedista no plantão. "O exercício da medicina exige atualização constante e implantação de serviços", diz. "Mas nós estávamos isolados no meio do Centro-Oeste, tudo era mais complicado", conclui.

Embora, por vezes, os médicos aqui presentes tomassem atitudes heróicas para satisfazer as necessidades da população que aqui residia, a classe médica não se sentia valorizada no início de Brasília. A revolta era provocada pelo tratamento diferenciado dado aos funcionários do Banco do Brasil. "Enquanto eles recebiam grandes apartamentos nas entrequadradas que já estavam prontas, nós

“
ANDÁVAMOS
MUITO A PÉ, NA
ESCURIDÃO QUE
ERA O PLANO
PILOTO, MAS
QUANDO
PRECISÁVAMOS
CHEGAR MAIS
RÁPIDO A ALGUM
LUGAR, ÍAMOS DE
CARONA”

morávamos nas quitinetes das 400", justifica.

Os profissionais da Saúde fizeram então a primeira greve do setor em Brasília, ainda no ano da inauguração da cidade, 1960. O protesto durou apenas dois dias e a reivindicação por melhores locais de moradia foi atendida. Figuerôa mudou-se do apartamento tipo JK (janela e kitchenette), na 413 Sul, para um espaço maior na 304 Sul.

Para o clínico patologista, a maior qualidade de Brasília é a solidariedade que existe entre as pessoas. Andando na contramão do que se diz da cidade em outros estados. O médico afirma que aqui as pessoas se ajudam muito mais. "Percebo isto nos socorros médicos", confirma. Para ele, esta característica é consequência do misto de interior e capital que é Brasília.

Raio X

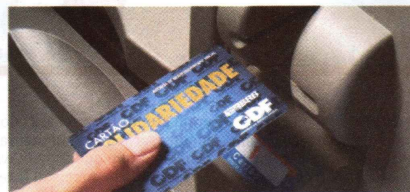
Nome:
Tito Andrade Figuerôa
Idade:
71 anos
Ano de chegada a
Brasília:
1960
Origem:
Rio de Janeiro
Profissão:
Clínico Patologista
Esposa:
Eliana Figuerôa
Filha:
Liliane (falecida)



AJUDA MENSAL
PARA A RITA
NUNCA MAIS PASSAR
APERTO, A NÃO SER
COM O ABRAÇO DA
PAULINHA.

CARTÃO
SOLIDARIEDADE.

AUXÍLIO DE R\$ 130,00
POR MÊS PARA
FAMÍLIAS CARENTES.



A Rita mora no Distrito Federal onde trabalha duro para ganhar menos da metade de um salário mínimo. A situação dela não é nada fácil, mas está melhorando graças ao **Cartão Solidariedade**. Quando a Rita soube do Programa Renda Solidária foi uma alegria só. Rapidinho ela

conferiu se preenchia todos os requisitos e correu para se inscrever no Cadastro Único. Agora, com o Cartão na mão, a Rita vai poder garantir a alimentação e o básico da casa, além de manter a Paulinha firme na escola, enquanto ela segue na batalha por oportunidades melhores.

GDF
GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL